

---

## **Transgressão conservadora: imbricações entre as cenas brasileiras de rock e heavy metal e a extrema direita<sup>1</sup>**

Gabriel Dorneles Stavele TAVARES<sup>2</sup>  
Micael HERSCHMANN<sup>3</sup>

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

### **RESUMO**

Neste trabalho problematizamos as disputas de sentido em torno do conceito de *ethos* roqueiro (Frith 1996; Grossberg 1997; Janotti Junior, Pilz, Alberto, 2019) a partir da observação de um recrudescimento do conservadorismo nas cenas brasileiras de rock e heavy metal que as insere no contexto das guerras culturais. Como percurso metodológico, construímos uma cartografia das controvérsias (Latour, 2012) que segue os rastros de atores envolvidos com a politização dessas cenas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Comunicação; Guerras Culturais; Música; Rock; Política.

### **INTRODUÇÃO**

Trilha sonora de levantes e manifestações de inconformismo juvenil durante o seu período de apogeu, o rock desenvolveu ao longo de quase sete décadas de história uma reputação que relacionava seus adeptos a ideias de vanguarda e oposição ao conservadorismo vigente nas sociedades onde se notabilizou. Tais características foram consideradas por autores como Frith (1996), Grossberg (1997), Janotti Junior, Pilz e Alberto (2019) para definir o chamado *ethos* roqueiro, conceito utilizado para se referir a “uma construção histórica em torno de uma autenticidade transgressiva no gênero musical e potencial fonte de resistência a poderes institucionalizados” (Pilz, Alberto, 2021).

Deste modo, o imaginário acionado pelo ritmo em seus primeiros trinta anos de existência (décadas de 1950 a 1980), bem como por suas subdivisões, como o punk, o progressivo ou o heavy metal, remeteria quase que inevitavelmente o ouvinte a eventos como os festivais de Woodstock e Monterrey, marcados pela apologia ao amor livre, expansão da consciência a partir do consumo de drogas lisérgicas, negação da ordem social implementada pelas gerações anteriores e protestos contra a guerra do Vietnã, o surgimento de ícones da cultura jovem, como David Bowie, Beatles e Rolling Stones, que

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação, Música e Entretenimento, no XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFRJ e pesquisador associado do Núcleo de Estudos e Projetos em Comunicação da UFRJ. E-mail: gabrielstavele@gmail.com

<sup>3</sup> Professor Titular do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e da Escola de Comunicação da UFRJ, onde coordena também o Núcleo de Estudos e Projetos em Comunicação da UFRJ. E-mail: micael.herschmann@eco.ufrj.br

de diferentes formas desafiaram os papéis de gênero e colocaram em discussão temas tabu, como sexualidade e preconceito racial, e, posteriormente, o escárnio aos símbolos religiosos, o peso e a agressividade trazidas à tona pelo heavy metal e punk rock.

Esse conjunto de referências constituintes do imaginário que ao longo de tantos anos se criou em torno do rock concorreu para a cristalização de uma imagem antissistema que nunca deixou de acompanhar o ritmo, a despeito do esvaziamento de grande parte do seu sentido. Assim, observamos na contemporaneidade uma apropriação dessa imagem e discurso por parte de atores que buscam redefini-lo como um modelo atualizado da ideia de transgressão.

Nesse sentido, relacionamos o imaginário roqueiro ao que Hobsbawm e Ranger (1990) classificam como “tradição inventada”, uma repetição de práticas e valores que estabelecem relação de continuidade com um passado do qual se busca a apropriação. No mesmo diapasão, Williams (1978) apresenta o conceito de “tradição seletiva” para se referir a processos de ratificação histórica e cultural contemporâneas que se baseiam em versões seletivas de um passado idealizado.

Diante de um cenário marcado por disputas ideológicas que se espraiam para o campo da cultura, argumentamos que o chamado *ethos* roqueiro, bem como as vinculações do ritmo à contracultura e demais posicionamentos encarados como antissistêmicos, vêm sendo instrumentalizados por segmentos da extrema-direita no contexto das guerras culturais contemporâneas. Nessa pesquisa, tratamos da disputa pelo sentido desse *ethos* entre setores ideologicamente antagônicos, buscando, com base na teoria ator-rede (Latour, 2012), construir uma cartografia das controvérsias presentes nas cenas brasileiras de rock e heavy metal.

## REFERENCIAL TEÓRICO

O conceito de guerras culturais foi cunhado pelo sociólogo da religião James D. Hunter (1991) para se referir à uma mudança de paradigma no debate político dos Estados Unidos no final da década de 1980. Na ocasião, o autor chamava a atenção para o crescente protagonismo das pautas morais, como casamento gay, legalização de drogas e aborto e direitos de minorias, em detrimento de discussões acerca de temas do bem comum, como saúde, educação, economia e geração de empregos. “[...] conflitos culturais que não eram exatamente novos, em torno dos costumes, estavam saindo da periferia e

---

migrando para o centro do debate político, ocupando-o de forma jamais vista”. (Ortellado, Silva, 2022; p.12).

Para Melo e Vaz (2021), o pleito eleitoral de 2018, marcado pela distribuição maciça de notícias falsas nas redes sociais, debates sobre temas como kit gay, doutrinação política nas escolas e ameaça comunista, culminando com a eleição do candidato de extrema-direita, Jair Bolsonaro, representou a entrada do Brasil nas guerras culturais. Os autores destacam ainda o alastramento dos assuntos com potencial para gerar tensionamentos entre posicionamentos ideológicos antagônicos, indo muito além da política institucional. “Continuamente somos surpreendidos pela inclusão de novos objetos que, à primeira vista e até bem pouco tempo, não pareciam ser capazes de gerar guerras culturais” (Melo e Vaz 2021, p.10).

Deste modo, posicionamentos políticos manifestados por grandes nomes do rock nacional, bem como controvérsias entre artistas, fãs e imprensa especializada na última década, inserem as cenas brasileiras de rock e heavy metal neste novo cenário, tornando-as palco de disputas entre grupos que reivindicam a simbologia transgressora característica destes segmentos tanto por um viés progressistas, quanto por um ponto de vista conservador.

Para além dos posicionamentos públicos em defesa da ditadura militar e do declarado apoio a políticos de extrema-direita trazidos à baila por artistas como Lobão, Roger Moreira, Digão, Roosevelt Bala, Ricardo Confessori, entre outros, as imbricações das cenas brasileiras de rock e heavy metal com o conservadorismo podem ser auferidas por eventos que ficaram marcados pela intolerância à discursos progressistas, como o boicote à cantora transexual Föxx Salema, as hostilidades ao ex-líder do Pink Floyd, Roger Waters, as ameaças aos membros da banda de punk rock estadunidense Dead Kennedys, bem como as tentativas de interdição do festival alternativo de punk rock Facada Fest, ocorridos nos últimos anos.

Além disso, Evangelista e Pereira de Sá (2021) apontam a prevalência do rock como trilha sonora de peças publicitárias convocatórias para a manifestação de extrema-direita em apoio ao então presidente Jair Bolsonaro, no dia 15 de março de 2020, estando presente em 29 dentre 30 produções analisadas. Para as autoras, tais escolhas não são inocentes ou casuais, mas buscam se apropriar de determinados sentidos e afetos vinculados a diferentes gêneros, contribuindo para fortalecer um sentimento de nacionalismo específico, característico dos movimentos políticos recentes no país. Neste

caso, o *ethos* roqueiro representaria a oposição à um status quo composto por esquerdistas, progressistas e lacradores. As apropriações do rock para a defesa de ideais conservadores e, simultaneamente, para o combate ao “status quo”, supostamente representado pelos poderes legislativo e judiciário, ilustram as disputas simbólicas em torno do gênero e sua relação com a política. Associado a ideias de rebeldia juvenil, o rock também tem sido objeto de discussões sobre música e conservadorismo, afirmação de “valores heteronormativos, brancos e de privilégios, especialmente sob a perspectiva das canções do chamado rock clássico” (JANOTTI JR., PILZ, ALBERTO, 2019; p. 2). A relação entre rock e conservadorismo não é nova e vem sendo ensejada por autores como Grossberg (1992, 1997) há pelo menos três décadas. Entretanto, parece significativo notar que, apesar de trabalhos que ressaltam o potencial do gênero para a articulação política em campos mais progressistas, como ressaltam Farias e Cardoso Filho (2019), o rock seja sistematicamente apropriado pela direita radical brasileira. Ainda que o *ethos* do rock como espaço de resistência seja posto em xeque em determinados eventos, como shows marcados pelo confronto entre anti e pró-bolsonaristas (JANOTTI JR., PILZ, ALBERTO, 2019), tais apropriações no contexto analisado parecem acioná-lo para explicitar as próprias ambiguidades da proposta: apoiar o poder Executivo em seus movimentos de insubmissão contra os demais poderes, em tom semelhante ao utilizado por Bolsonaro em sua campanha eleitoral.

Em conjunto com as imagens, o gênero emerge nas narrativas analisadas remetendo a emoções bastante presentes em grandes espetáculos de rock: multidões que vivem um momento de êxtase comunitário, impulsionadas por performances amplamente enérgicas e sexualizadas de seus ídolos. Os solos de guitarra associados à figura de Jair Bolsonaro e seus defensores também acionam valores associados ao que Frith e McRobbie denominam de cock rock, no qual a performance é “uma explícita, crua e frequentemente agressiva expressão da sexualidade masculina (Evangelista, Pereira de Sá, 2021, p. 182).

Para Stefanoni (2022), a postura libertária dos contraculturais que se notabilizaram nos Estados Unidos durante as décadas de 1960 e 1970 encaminha-se na contemporaneidade para um posicionamento cada vez mais à direita. Defensor de uma difusa ideia de liberdade baseada no fortalecimento de instituições como família, igreja e empresas, e de uma autoridade “derivada de estruturas sociais voluntárias”, o “paleolibertarismo”, termo retomado do economista heterodoxo Murray Rothbard, se

apresenta “como “rebelde” diante do status quo, o que o progressismo muitas vezes já não é capaz” (2022; p.186), ao mesmo tempo em que afirma posições anti-igualitárias e busca alinhar seu discurso ao conservadorismo de figuras como Milei, Trump e Jair Bolsonaro.

Libertarianismo, dizem os paliolibertários, não rima com libertinagem – e não é sinônimo de hippies antissistema como aqueles que povoaram o Partido Libertário, do qual o próprio Rothbard participou. Portanto, umas das tarefas do libertarianismo é se livrar de seu “estilo Woodstock” ou seita antiautoridade e contrária aos “padrões da civilização ocidental. Defender a legalização das drogas ou da prostituição, como fez o Partido Libertário, colocaria o libertarianismo no reino da contracultura, alienaria-o dos estadunidenses “normais” e o privaria de qualquer chance de vitória. (Stefanoni, 2022; p.204)

## METODOLOGIA E RESULTADOS

Reconhecendo o ambiente virtual como espaço privilegiado para o rastreamento das controvérsias entre setores ideologicamente antagônicos das cenas brasileiras de rock e heavy metal, esta pesquisa busca cartografar, nos termos da Teoria Ator-Rede (Latour, 2012), os embates, associações, reassociações e desassociações, tentativas de silenciamento e invisibilização, manifestações de apoio, cancelamentos e estigmatizações promovidos pelos actantes nas redes sociotécnicas com base em desavenças políticas e comportamentais, de modo a tecer a rede de afetos que motiva esses tensionamentos.

Ao seguir os rastros de páginas e coletivos hospedados no Facebook, Instagram e Youtube como “Mundo Metal”, “Opressores do Rock”, “Roqueiros e Headbangers de direita”, “Headbangers do Brasil – Que odeiam o Socialismo” e “Pinochet Zuero”, entre outras, observamos a existência de uma blogosfera *headbanger* de extrema direita que se articula nas redes e promove ataques a vozes dissonantes a partir de editoriais e memes baseados em *shit posting*. Atuando como “bibocas digitais” (Arantes *et al.*, 2021), esses coletivos se retroalimentam e reproduzem “slogans textuais e visuais rápidos e diretos, com apelo autoritário e revanchista, pirateando o imaginário de games e filmes blockbusters” (Arantes *et al.* 2021, p. 94) que reafirmam valores conservadores e interditam o debate político em nome da harmonia entre seus membros.

Em suma, neste artigo partiu-se dos seguintes pressupostos:

a) De que o rock e o heavy metal, ao longo da história, trataram de temas chocantes, escatológicos e violentos, portanto, seu público deve ser intransigente na defesa da liberdade de expressão, ainda que isso signifique endossar discursos de ódio, racismo e homofobia ou encará-los como parte da sua iconoclastia.

- b) Produzidos e difundidos a partir da dinâmica do mercado capitalista: o rock e o heavy metal estariam intrinsicamente relacionados a esse sistema socioeconômico.
- c) Diante de um status quo progressista, o conservadorismo emerge como uma nova faceta da contracultura, e, nesse sentido, apresenta-se como o campo ideológico mais alinhado à ideia de um *ethos* roqueiro na contemporaneidade.

## REFERÊNCIAS

ARANTES, Pedro Fiori *et al.* Assombro, transgressão e falsificação na estética de combate bolsonaristas. *Revista ECO-PÓS*. Rio de Janeiro: PPGCOM da UFRJ, v. 24, n. 2, p. 90-123, 2021.

DE MELO, Cristina Teixeira V.; VAZ, Paulo. Guerras Culturais: conceito e trajetória. *Revista ECO-PÓS*. Rio de Janeiro: PPGCOM da UFRJ, v. 24, n. 2, p. 6-40, 2021.

EVANGELISTA, Simone; SÁ, Simone Pereira de. Gêneros musicais, conservadorismo e nacionalismo. *Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*. São Paulo: INTERCOM, v. 44, p. 175-188, 2021.

FRITH, Simon. *Performing rites*. Massachusetts: Harvard University Press, 1996.

GROSSBERG, Lawrence. *Dancing in spite of myself*. North Carolina: Duke University Press, 1997.

HOBBSAWM, Eric. e Ranger, Terence. *A invenção das tradições*. RJ: Paz e Terra, 1990.

HUNTER, James. *Culture Wars*. Nova York: Basic Books, 1991.

JANOTTI JR., Jeder; PILZ, Jonas; ALBERTO, Thiago. “F\*\*K YOU ROGER, PLAY THE SONGS”: rock, política e rasuras na turnê de Roger Waters no Brasil em 2018. *Anais XXVIII Compós*. Porto Alegre, jun. de 2019.

LATOUR, Bruno.; *Reagregando o Social*. Salvador: EDUFBA, 2012.

ORTELLADO, Pablo; SILVA, Diogo de Moraes. Apresentação do Dossiê-Guerras Culturais. *Políticas Culturais em Revista*. Salvador: UFBA, v. 15, n. 1, 2022.

PILZ, Jonas; ALBERTO, Thiago Pereira. Facada Fest e um ethos impresso do rock: ressonâncias da transgressão e da resistência do gênero musical através do pôster do festival. *Anais da MusiMid*. São Paulo: UNIP, n. 1, 2021.

STEFANONI, Pablo. O que querem os libertários e por que deram um giro à extrema-direita? *Políticas Culturais em Revista*, v. 15, n. 1, 2022.

WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e literatura*. Rio de Janeiro, Zahar, 1979.